



# Boletim

4º TRIMESTRE/2008

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	5
PIB .....	10
Agropecuária .....	11
Indústria .....	14
Serviços .....	17
MERCADO DE TRABALHO .....	19
EXPORTAÇÕES .....	22
INFLAÇÃO .....	24
FINANÇAS PÚBLICAS .....	26



**Boletim 4º TRIMESTRE/2008**

**conjuntura**  
ECONÔMICA



**FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO**  
Governo de Minas Gerais

# FICHA TÉCNICA

## Fundação João Pinheiro

Presidente

Afonso Henriques Borges Ferreira

Centro de Estatísticas e Informações

Diretora

Laura Maria Irene De Michelis Mendonça

### COORDENAÇÃO

*Maria Helena Magnavaca de Alencar*

*Pedro Henrique da Silva Castro*

### ELABORAÇÃO

Elisa Maria Pinto Rocha

Marcelo Moreira Ferreira da Silva

Maria Helena Magnavaca de Alencar

Pedro Henrique da Silva Castro

Reinaldo Carvalho de Moraes

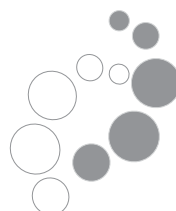
Ricardo Candéa Sá Barreto

Projeto gráfico

Kelly Gusmão

Revisão e diagramação

Heitor Vasconcelos



[conjuntura@fjp.mg.gov.br](mailto:conjuntura@fjp.mg.gov.br)

## *Apresentação*

Este Boletim de Conjuntura é o terceiro número de um projeto da Fundação João Pinheiro (FJP) para a retomada do acompanhamento da evolução da economia mineira. Elaborado pelo Centro de Estatísticas e Informações da FJP, este boletim representa a continuidade de um trabalho realizado anteriormente com as publicações *Análise e Conjuntura* e *Boletim de Conjuntura*.

Este volume apresenta uma revisão da performance econômica de Minas Gerais no quarto trimestre de 2008, relacionando-a com o panorama nacional. O projeto prevê que, ao longo de 2009, sejam incorporadas ao Boletim de Conjuntura mais duas seções contendo projeções econômicas e temas variados de economia aplicada. Ressaltamos que este é um projeto em fase de consolidação, portanto agradecemos quaisquer sugestões e/ou comentários sobre o conteúdo e o formato do trabalho. O endereço é [conjuntura@fjp.mg.gov.br](mailto:conjuntura@fjp.mg.gov.br).

*Afonso Henriques Borges*  
*Presidente, Fundação João Pinheiro*

## BOLETIM CONJUNTURA - 4o. TRIMESTRE DE 2008

### AS ECONOMIAS NACIONAL E INTERNACIONAL EM PERSPECTIVA

O quarto trimestre de 2008 foi marcado pelo aprofundamento da crise financeira em todo o mundo. Embora os países desenvolvidos tenham sido os mais afetados, os emergentes, como o Brasil, não saíram ilesos, falsificando a tese de que haveria um desacoplamento entre o desempenho das economias dos dois grupos de países.

A causa próxima da crise atual está relacionada à bolha no mercado imobiliário norte-americano. Com os preços dos imóveis em alta, ampla disponibilidade de crédito para financiamento e juros baixos, muitos americanos especularam nesse mercado. A queda no valor dos imóveis, porém, aumentou a inadimplência, já que muita gente se viu atado a um financiamento cujo valor era muito maior que o do imóvel. A crise alastrou-se para o sistema financeiro na medida em que derivativos financeiros lastreados em títulos de hipotecas, hoje apelidados de ativos tóxicos, faziam parte dos balanços de instituições financeiras. A queda no valor desses derivativos, combinada à alta alavancagem das instituições, resultou em forte contração de seu capital, o que por fim gerou um impacto negativo na oferta de crédito.

A crise espalhou-se rapidamente para outros países. Primeiro, vários bancos também se viram expostos aos ativos tóxicos. Segundo, a imediata contração do capital financeiro prejudicou países que contavam com investimentos estrangeiros diretos. Terceiro, a expectativa de desaquecimento das economias centrais, com redução da demanda por produtos exportados, induz a uma redução da atividade econômica no restante do mundo.

No Brasil, os primeiros reflexos da crise foram a depreciação do real e a queda da bolsa de valores de São Paulo (Bovespa), causadas pela saída de capital em busca de aplicações consideradas mais seguras ou de maior liquidez. O dólar, que havia chegado a R\$ 1,56 em agosto, chegou à cotação de R\$ 2,50 no início de dezembro. O índice Bovespa, 73.516 pontos no final de maio, chegou a cair até os 29.435 pontos em outubro e fechou 2008 em 37.550 pontos. Assim, percebe-se que, mesmo no Brasil, já era possível sentir os efeitos da crise antes da quebra do banco Lehman Brothers, em setembro, quando a crise se intensificou.

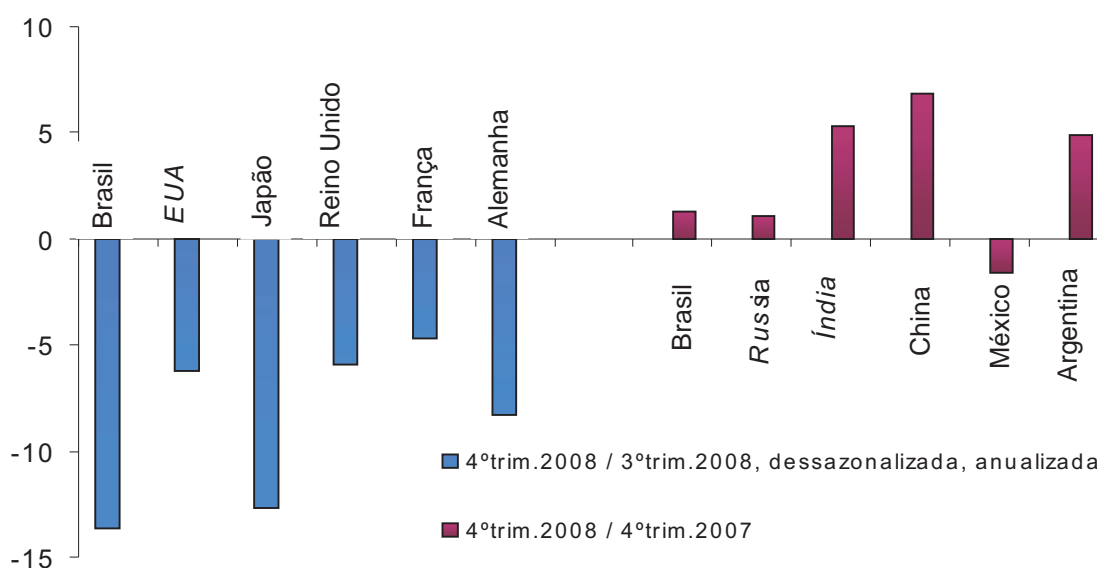
Com efeito, o quarto trimestre do ano foi muito ruim para a economia mundial. O Produto Interno Bruto (PIB) americano apresentou queda de 6,2% em relação ao terceiro trimestre (taxa com ajuste sazonal anualizada). No mesmo parâmetro de comparação, a economia francesa caiu 4,7%, a do Reino Unido, 5,9%, a alemã, 8,3%, e a japonesa apresentou queda de dois dígitos (12,7%).

Nesse contexto pode-se mensurar melhor a magnitude da queda de 3,6% do PIB brasileiro no quarto trimestre, em relação ao terceiro, com ajuste sazonal. Se ela for anualizada, o resultado obtido é uma queda de 13,6%, maior que a de todos os países mencionados anteriormente.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> A anualização é um procedimento no qual se calcula qual seria a taxa de crescimento acumulada em um ano se a taxa de crescimento sobre o trimestre anterior se repetir nos próximos três trimestres.

Em relação ao quarto trimestre do ano anterior, o crescimento do PIB brasileiro foi de 1,3%. Tal taxa pode ser utilizada para comparar o resultado da economia brasileira com o de outros países em desenvolvimento. Nesse parâmetro de comparação, o crescimento da China foi de 6,8%, o da Índia, 5,3%, e o da Rússia deve ficar em 1,1%.<sup>2</sup>

**Gráfico 1 – Taxas de Crescimento do PIB, em % - Países Selecionados**



Fonte: Órgãos Nacionais de Estatísticas

A forte desaceleração da economia global concretizou-se apesar dos esforços dos governos em todo mundo para amenizar os efeitos da crise. No Brasil, houve leilões de dólar para suavizar a flutuação da moeda, criaram-se novas linhas de crédito para vários setores, reduziram-se os depósitos compulsórios a fim de aumentar a liquidez da economia e cortaram-se tributos para incentivar o consumo.

<sup>2</sup> Alguns países divulgam suas taxas de crescimento em relação ao trimestre anterior, dessazonalizada e anualizada, enquanto outros divulgam taxas em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Estes dois tipos de taxas não são diretamente comparáveis.

### PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

No último trimestre de 2008, o PIB de Minas Gerais ficou estagnado, em comparação ao quarto trimestre de 2007. Apesar do resultado ruim, relacionado aos efeitos da crise financeira, o estado ainda fechou 2008 com crescimento de 6,3% do PIB, carregado pelo excepcional desempenho entre janeiro e setembro.<sup>3</sup>

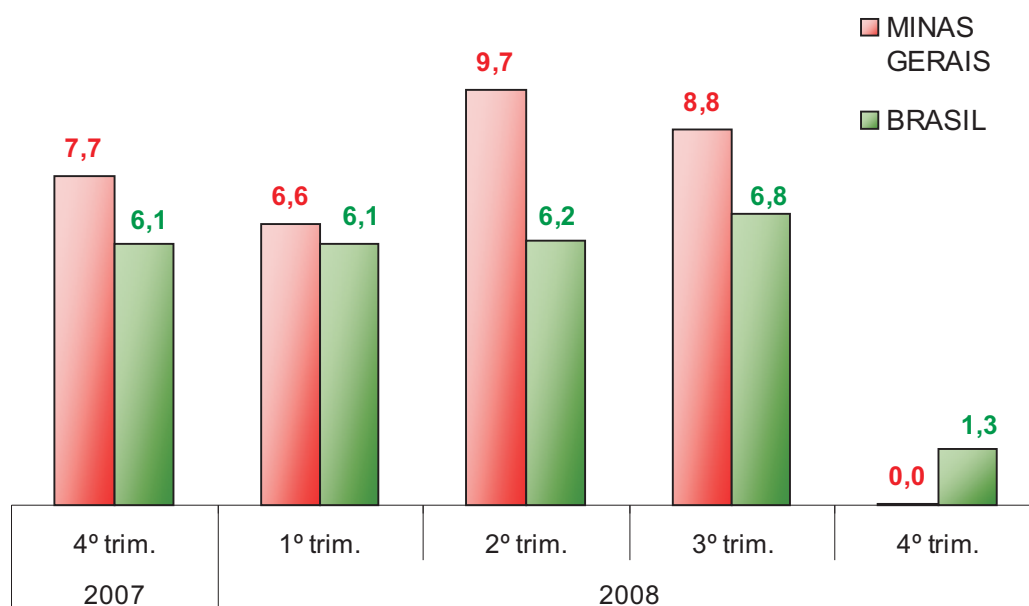
A variação do PIB nacional, recentemente divulgada pelo IBGE, foi de 1,3% no quarto trimestre, em relação ao mesmo período do ano anterior, e de 5,1% no acumulado de janeiro a dezembro de 2008.

Tanto o pior desempenho de Minas Gerais no trimestre quanto o seu melhor desempenho no fechamento do ano, em comparação com o Brasil, podem ser explicados pelos mesmos fatores: a conjuntura externa e a estrutura econômica dessas unidades territoriais. Minas Gerais é um estado exportador e depende de setores ligados a *commodities*, como minério de ferro e aço. Além disso, a participação da indústria automobilística na produção total é maior no estado que no país. Tais setores eram justamente os que estavam sendo mais favorecidos pela conjuntura econômica até setembro, mas também foram bastante prejudicados pela eclosão da crise.

<sup>3</sup> O cálculo da taxa com ajuste sazonal está sendo estudado pela equipe de contas regionais, para que os resultados a serem divulgados oportunamente, possam ser comparados com os do nacional.



**Gráfico 2 – Taxas de Crescimento do PIB trimestral, em %  
Minas Gerais e Brasil – 2007 e 2008**



Fonte: FJP, Centro de Estatística e Informações (CEI); IBGE, Coordenação de Contas Nacionais (Conac).

<sup>1</sup> Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

## AGROPECUÁRIA

A agropecuária tem uma participação em torno de 8% no valor adicionado total de Minas Gerais. No quarto trimestre de 2008, o valor adicionado pelo setor foi 4,6% maior que o obtido no mesmo trimestre do ano anterior. Apesar de positivo, esse crescimento é menor que o observado nos três trimestres anteriores, ao longo dos quais o acumulado foi de 18%.

No acumulado no ano, o setor foi o que mais cresceu no estado: 16,1%. Esse resultado reflete o crescimento de 22,4% da produção vegetal, impulsionada pelo grande acréscimo da produção cafeeira (43,5%), enquanto a produção animal apresentou alta de 3,8%. O

resultado da agropecuária mineira em 2008 pode ser considerado excelente, já que a brasileira registrou resultado bem menor (5,8%) no mesmo período.

Estima-se que a produção estadual de grãos da safra de 2007/2008 tenha atingido 10,3 milhões toneladas, um acréscimo de 8,6% sobre a safra anterior. Além do café, o grande destaque da safra agrícola mineira, evidenciam-se os bons resultados nas culturas de trigo (86,0%), sorgo (39,6%), cana-de-açúcar (24,0%), feijão (17,4%), milho (8,9%) e soja (4,9%). Por outro lado, houve declínio nas safras de arroz em casca (-22,4%) e algodão (-13,9%). O primeiro, devido ao elevado custo de produção, não conseguiu competir com o produto do Rio Grande do Sul. Já o algodão vem sendo substituído pelos produtores de algumas regiões do estado por milho e soja, que possuem custos de produção mais baixos.

**Tabela 1 – Safra Agrícola – Produtos Selecionados  
Minas Gerais - 2006/2007 e 2007/2008**

Produto	Produção ( t )		Variação %
	2006/2007	2007/2008 <sup>1</sup>	
Abacaxi <sup>2</sup>	238.667	265.460	11,2
Algodão herbáceo	89.649	77.218	(13,9)
Alho	23.895	22.094	(7,5)
Amendoim	6.281	11.991	90,9
Arroz	183.419	142.253	(22,4)
Banana	536.576	535.928	(0,1)
Batata inglesa	1.126.306	1.203.836	6,9
Cafê	1.974.584	2.833.258	43,5
Cana-de-açúcar	38.741.094	48.043.716	24,0
Cebola	68.347	116.438	70,4
Coco-da-Baía (2)	43.878	42.848	(2,3)
Feijão	480.863	564.692	17,4
Laranja	583.509	583.564	0,0
Mamona	3.644	8.972	146,2
Mandioca	904.086	887.587	(1,8)
Milho	6.066.077	6.608.230	8,9
Soja	2.417.996	2.536.230	4,9
Sorgo	161.181	225.049	39,6
Tomate	421.455	461.003	9,4
Trigo	51.253	95.345	86,0
Uva	11.995	13.711	14,3

Fonte: Dados básicos: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Produção Agrícola Municipal (PAM), Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA)

<sup>1</sup> Previsão de safra realizada em janeiro/2009.

<sup>2</sup> Produção em mil frutos.

O café é produto preponderante na agricultura mineira e assegura alto percentual no valor agregado do setor. Sua colheita é feita basicamente nos segundo e terceiro trimestres. A atual produção de Minas Gerais deverá atingir 2.862.734 toneladas de café em coco,

a maior da série histórica mineira. O forte aumento em 2008 deveu-se principalmente a três fatores. Primeiro, o caráter cíclico bianual da cultura, que impõe crescimento na produtividade. Segundo, os efeitos positivos da recuperação parcial das lavouras, que sofreram com a estiagem em 2007. Por último, aos bons tratamentos culturais nas principais regiões produtoras.

Na agricultura pode ser destacado o crescimento da participação da cultura da cana de açúcar em Minas Gerais como o principal fator de dinamismo. Desde 1996 sua participação na produção agrícola mineira possui aumentos positivos em produção e área plantada principalmente na região do Triângulo Mineiro.

É importante analisar que apenas o cultivo de soja e o de frutas cítricas apresentaram redução de área colhida, respectivamente -2,2% e -4,2%. A redução da área em ambas as culturas reflete os altos custos com insumos para evitar a proliferação de pragas na cultura de laranja, como o *cancro cítrico*, que exige a erradicação das plantas contaminadas.<sup>4</sup> Na cultura da soja, tais custos estão ligados ao controle da ferrugem asiática e do mofo branco.

Portanto, aliado às boas produções de café e da cana-de-açúcar, o aumento da cultura de grãos em 2008 determina o bom desempenho da agricultura e, conseqüentemente, do total da agropecuária, visto que a produção vegetal corresponde a 65% da atividade.

O desempenho da produção animal<sup>5</sup> mineira em 2008 foi impulsionado pelo acréscimo observado na produção de ovos (8,0%) e de leite (7,0%). Destaca-se que o estado é o segundo maior produtor de ovos do país e o maior produtor de leite. A estabilidade na criação de suínos (0,3%) e a queda na avicultura (-4,4%) e na bovinocultura (-1,5%)

<sup>4</sup> A última ocorrência da praga em Minas Gerais foi em abril de 2008 na região de Fronteira com São Paulo.

<sup>5</sup> Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pesquisa do Abate de Animais - Associação Brasileira de Produtores de Pintos de Corte (Apinco) - Associação dos Avicultores de Minas Gerais (Avimig).

devem-se em larga medida aos altos custos de produção, tendo em vista o aumento do preço da ração animal, feita de soja e milho

Com relação à bovinocultura de corte, apesar de Minas Gerais possuir o terceiro maior rebanho do país, a oferta de animais para abate mantém-se em declínio. Em setembro, com a eclosão da crise financeira, acredita-se que essa redução tenha se acentuado. Em períodos de crise, a manutenção dos animais no pasto funciona como proteção dos ativos.

## INDÚSTRIA

A indústria mineira participa com aproximadamente 32% do valor adicionado total do estado, percentual pouco maior que o da participação da indústria brasileira sobre o valor adicionado do país, aproximadamente 28%.

A julgar pelos últimos resultados das contas trimestrais, o setor industrial foi o mais afetado pela crise. Embora em 2008 a indústria mineira tenha conseguido crescer 3,9%, puxada pelos resultados dos nove primeiros meses do ano, o valor adicionado industrial no quarto trimestre de 2008 foi 4,7% menor do que o obtido no mesmo período do ano anterior.

A redução da produção industrial foi acompanhada de queda na utilização da capacidade instalada e no pessoal ocupado assalariado. A utilização de capacidade instalada na indústria de transformação mineira no quarto trimestre foi 2,4 p.p. (pontos percentuais) menor que no terceiro trimestre e 1,0 p.p. menor que no mesmo período do ano anterior <sup>6</sup>. A ocupação na indústria geral (extrativa e transformação) caiu 2,6%

<sup>6</sup> Fiemg-Index.

em relação ao terceiro trimestre. Sobre o quarto trimestre de 2007, todavia, o crescimento foi de 3,0%.<sup>7</sup>

Para o resultado da indústria no quarto trimestre, *indústria de transformação* (-9,6%) e *extrativa mineral* (-22,8%) exerceram as maiores pressões negativas. A *construção civil* (4,8%) e os *serviços industriais de utilidade pública (SIUP)*<sup>8</sup> (6,8%) conseguiram

**Tabela 2 - Taxas de crescimento da Indústria e Subsetores – Minas Gerais - 2008**

	Acumulada até o 3º Trimestre	4º Trimestre	Acumulada no Ano
Setor Industrial	6,9	-4,7	3,9
Extrativa	8,2	-22,8	0,1
Transformação	6,1	-9,6	2,0
Construção	8,3	4,8	7,4
SIUP	7,4	6,8	7,2

Fonte: FJP, Centro de Estatística e Informações (CEI)

manter crescimento positivo no trimestre, embora menos acelerado quando comparado às taxas anteriores. O descompasso entre o desempenho da indústria mineira até o terceiro trimestre de 2008 e o do quarto trimestre é mostrado na tabela 2:

O resultado negativo da indústria extrativa deve-se principalmente à redução na extração de minério de ferro, seu principal produto e insumo básico da siderurgia. Como o ferro é o metal mais utilizado do mundo, com várias aplicações industriais, o desaquecimento das economias mundial e interna faz a demanda pelo produto cair fortemente. Por exemplo, as exportações desse minério caíram 10% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

<sup>7</sup> IBGE, Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário – PIMESPintos de Corte (Apinco) - Associação dos Avicultores de Minas Gerais (Avimig).

<sup>8</sup> Abrange a produção e distribuição de água, eletricidade, gás e limpeza urbana.

Na indústria de transformação, as atividades que apresentaram o pior desempenho no quarto trimestre, em comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, foram *veículos automotores* (-35,9%), *outros produtos químicos* (-22,1%), *metalurgia básica* (-14,5%) e *produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos* (-14,5%). Por outro lado, contribuíram mais positivamente os setores de *alimentos* (15,9%), *minerais não metálicos* (8,5%) e *refino de petróleo e álcool* (7,1%).

**Tabela 3 - Indústria de Transformação e atividades - Minas Gerais - 2008**

	Participação	4ºTrim.	Acumulad no ano
Indústria de Transformação	100,0	-10,6	2,0
Alimentos	15,9	6,6	4,2
Bebidas	2,4	-1,1	-0,5
Fumo	2,8	-3,4	-1,4
Têxtil	4,9	-8,3	-7,3
Celulose, papel e produtos de papel	3,8	2,1	-0,8
Refino de petróleo e álcool	7,1	9,4	11,6
Outros produtos químicos	6,3	-22,1	-4,7
Minerais não metálicos	8,5	9,0	11,3
Metalurgia básica	25,6	-14,5	-0,5
Produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	4,8	-14,5	1,5
Máquinas e equipamentos	4,0	3,0	5,2
Veículos automotores	14,0	-35,9	1,1

Fonte: Pesquisa Industrial Mensal da Produção Física - IBGE

A queda acentuada no setor automotivo deve-se a seu caráter de bem durável de valor elevado. Como há muita incerteza sobre a situação econômica, as famílias tendem a ser mais cautelosas na hora de gastar e, para não comprometer o orçamento, adiam a compra ou troca do veículo. Para minimizar os efeitos da crise sobre o segmento, o governo brasileiro reduziu alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) na compra de veículos novos.

Já a retração em *outros produtos químicos* está relacionada à alta do dólar, pois grande parte dos insumos utilizados na produção de fertilizantes é importada. Assim, o encarecimento do fertilizante soma-se à menor demanda por *commodities* agrícolas, incentivando os agricultores a utilizar menor quantidade dos produtos químicos.

A metalurgia básica é o maior segmento da indústria de transformação mineira, com peso de 25%, e tem como principal produto o aço. A deterioração das economias interna e externa levou a que setores como o automobilístico e a construção civil reduzissem as encomendas mundiais de produtos metalúrgicos.

Apesar da crise, a construção civil cresceu 4,8% no quarto trimestre de 2008. Isso pode ser explicado pelo fato de que obras de habitação e infraestrutura são realizadas durante um longo intervalo, e é razoável supor, portanto, que grande parte delas siga em andamento. A construção civil ainda aquecida explica o resultado positivo da atividade *minerais não metálicos*, relacionado à produção de cimento, cerâmica, vidro etc., que cresceu 8,5% no último trimestre do ano. No entanto, o início de novas obras pode ser afetada em um cenário de estagnação econômica. De fato, houve desaceleração da taxa de crescimento do setor. Grupos ligados à construção civil pressionaram o governo federal pela desoneração do IPI sobre os materiais utilizados, mas não foram atendidos. Por outro lado, há a expectativa de lançamento de um plano habitacional que pode ajudar a mitigar os efeitos da crise.

O setor de *serviços industriais de utilidade pública (SIUP)*, que envolve a produção de distribuição de energia elétrica, gás, água, esgoto e limpeza urbana, foi o que mais cresceu nos últimos três meses do ano, com expansão de 6,8%. Para isso contribuiu principalmente a alta no consumo total de energia elétrica e de gás.

## SERVIÇOS

Em Minas Gerais, o setor de serviços participa com aproximadamente 60% do valor adicionado total do estado, percentual pouco menor que o do peso dos serviços na economia nacional (65%).

Esse setor em Minas Gerais cresceu 2,5% no quarto trimestre de 2008, puxado pelas atividades *aluguéis* (4,3%) e *administração pública* (5,4%), menos cíclicas que as demais, sofrem, portanto, relativamente menos em períodos recessivos. O subsetor *comércio e serviços de manutenção e reparação* expandiu-se 0,9%, o de *transportes, armazenamento e correio* recuou 0,1%, e *outros serviços* cresceu 2,2%.

**Tabela 4 - Taxas de crescimento dos Serviços e Subsetores – Minas Gerais - 2008**

	Acumulada até o 3º Trimestre	4º Trimestre	Acumulada no Ano
Setor Serviços	6,0	2,5	5,1
Comércio e Serv..Reparação	9,1	0,9	6,8
Transportes e Correios	7,7	(0,1)	5,6
Aluguéis	3,5	4,3	3,7
Administração pública	4,6	5,4	4,8
Outros serviços	5,6	2,2	4,7

Fonte: FJP, Centro de Estatística e Informações (CEI)



O volume de vendas no comércio varejista ampliado foi 0,9% maior nos últimos três meses do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior.<sup>9</sup> Apesar de a taxa se ter mantido positiva, foi grande sua desaceleração: nos três primeiros trimestres, a média de crescimento fora de 12,3%. Essa desaceleração da taxa de crescimento foi generalizada e atingiu oito dos dez subgrupos que compõem o comércio varejista ampliado.

O comércio de *veículos, motocicletas, partes e peças* foi o que se mostrou mais afetado, retraiu-se 6,1% no último trimestre do ano. Como dito anteriormente, a explicação inclui uma combinação dos fatores encarecimento do crédito e maior cautela das famílias. Esses mesmos fatores explicam a desaceleração, embora em menor grau, nos demais subgrupos do comércio. Há bens, no entanto, que não dão muita margem de corte para as famílias. Alimentos, por exemplo. Não por acaso, *hipermercados, supermercados, alimentos, bebidas e fumo*, que cresceu 1,5% no último trimestre, foi um dos setores que ainda não viu sua taxa de crescimento desacelerar após a crise.

A atividade *transportes, armazenagem e correios* manteve-se praticamente estagnada (-0,1%). Tal atividade está diretamente associada ao desempenho geral da economia, na medida em que movimenta e estoca os bens produzidos. Havendo redução da produção, menor é o volume a ser movimentado. No setor de transportes, observou-se queda no volume de passageiros no transporte aéreo (-2,75%) e no transporte de cargas nos modais ferroviário (-18,0%) e rodoviário (-4,5%)<sup>10</sup> no trimestre. O consumo de diesel, importante indicador do nível de atividade do setor, caiu 3,5%.<sup>11</sup> Por outro lado, a quantidade de cartas movimentadas pelos correios teve expansão de 47,4% e contribuiu para segurar o setor.

<sup>9</sup> IBGE, Pesquisa Mensal do Comércio - PMC

<sup>10</sup> Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe)

<sup>11</sup> Agência Nacional do Petróleo - ANP

Com o bom crescimento no quarto trimestre, 4,3%, o segmento de *aluguéis* fechou o ano positivo em 3,7%. A expansão foi assegurada pela estimativa do aluguel imputado, importante na contabilização da renda gerada pelo setor.

A *administração pública* evidenciou crescimento de 5,4% no 4º trimestre de 2008 e de 4,8% no acumulado no ano. Os *demais serviços* cresceram 2,2% e 4,7% respectivamente.

## MERCADO DE TRABALHO

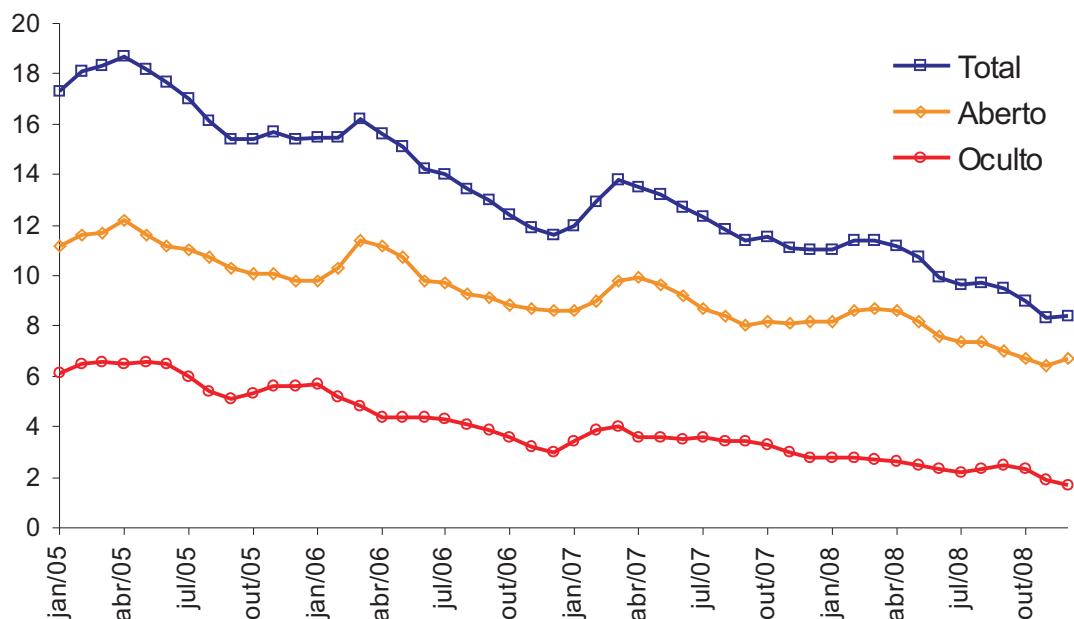
O contingente total de trabalhadores com emprego formal em Minas Gerais no quarto trimestre de 2008 foi 4,4% maior que no mesmo trimestre do ano anterior, segundo dados do Caged.<sup>12</sup> Em relação ao terceiro trimestre, no entanto, houve queda de 3,5%. Embora seja comum haver redução no estoque de empregos formais no quarto trimestre, essa queda é maior que o normal.

A taxa de desemprego total na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) foi de 8,6%, em média, nos últimos três meses do ano. De acordo com a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), isso é 2,6 p.p. menor do que no mesmo trimestre do ano anterior. O nível de ocupação cresceu 5,1% e superou a expansão de 2,1% da população economicamente ativa. Dessa forma, em termos líquidos, deixaram o desemprego 63 mil pessoas.

A taxa de desemprego total pode ser decomposta em duas: a taxa de desemprego aberto (6,6% no trimestre) e a de desemprego oculto (2,0%). A primeira apresentou queda de 1,6 p.p. em relação ao quarto trimestre do ano anterior, a segunda caiu 1,0 p.p. O gráfico 7 apresenta a evolução da taxa de desemprego aberto, oculto e total na RMBH.

<sup>12</sup> Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, Ministério do Trabalho e Emprego -MTE

**Gráfico 3 - Taxa de Desemprego na RMBH, em % - 2005 à 2008**



Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego - FJP, Centro de Estatística e Informações (CEI)

O gráfico mostra que, apesar do bom resultado na comparação com o quarto trimestre de 2007, pode-se perceber um aumento na taxa de desemprego se dezembro for comparado com novembro. Nesse parâmetro de comparação, o aumento na taxa de desemprego total foi de 0,1 p.p., puxado pela alta de 0,3 p.p. na de desemprego aberto.

Esses resultados indicam que grande parte das empresas não ajustaram rapidamente o número de funcionários à menor demanda por seus produtos e serviços. Por exemplo, várias indústrias primeiro deram férias coletivas, como forma de ajustar a produção, para só depois demitir.

Voltando à comparação trimestre sobre mesmo trimestre do ano anterior, ao desagregar os dados por atividade, percebe-se que a ocupação cresceu 6,8% na indústria, 9,8% na construção civil, 9,9% no comércio e 4,1% no setor de serviços.

Em relação à forma de contratação, destaca-se o aumento da ocupação no setor público<sup>13</sup>,

<sup>13</sup> Inclui os estatutários e celetistas que trabalham em instituições públicas (governos municipal, estadual e federal, empresas de economia mista, autarquias, fundações etc)

que cresceu 16,1%. No setor privado, o número de ocupados com carteira subiu 8,4%, enquanto o contingente dos sem carteira apresentou queda de 2,6%, o que indica um movimento de formalização.

**Tabela 5: Rendimento Real Médio<sup>1</sup> - Valor e Taxa de Crescimento  
RMBH - 2007 e 2008**

	4ºTrim 2007	4ºTrim 2008	var. %
Ocupados	1.054	1.156	9,7
Assalariados	1.100	1.156	5,1
Assalariados no Setor Privado	947	984	3,9
Indústria	1.118	1.120	0,2
Comércio	781	794	1,7
Serviços	943	985	4,4

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego – FJP, Centro de Estatística e Informações (CEI).

<sup>1</sup> Em reais de janeiro de 2009, tendo o IPCA-BH (Ipead) sido utilizado como inflator.

O rendimento real dos ocupados na RMBH passou de R\$1.054 no quarto trimestre de 2007 para R\$1.156 no mesmo trimestre de 2008: um aumento de 9,7%. Os assalariados do setor privado viram um aumento de 3,9%, puxado pelo crescimento de 4,4% nos salários pagos no setor de serviços. No comércio, o aumento salarial foi de 1,7%, na indústria ficou praticamente estagnado, com alta de 0,2%.

## EXPORTAÇÕES

As exportações brasileiras alcançaram US\$ 47.082,3 milhões no último trimestre de 2008, crescimento de 6,8% em relação ao mesmo período do ano anterior. Na comparação com o terceiro trimestre de 2008, entretanto, o valor significou queda de 21,8%, associada ao agravamento da crise internacional a partir de setembro. Em que pese a desaceleração observada no último trimestre do ano, o indicador acumulado de 2008 aponta crescimento de 23,2% em relação a 2007, tendo alcançado a soma de US\$ 197.942,4 bilhões.

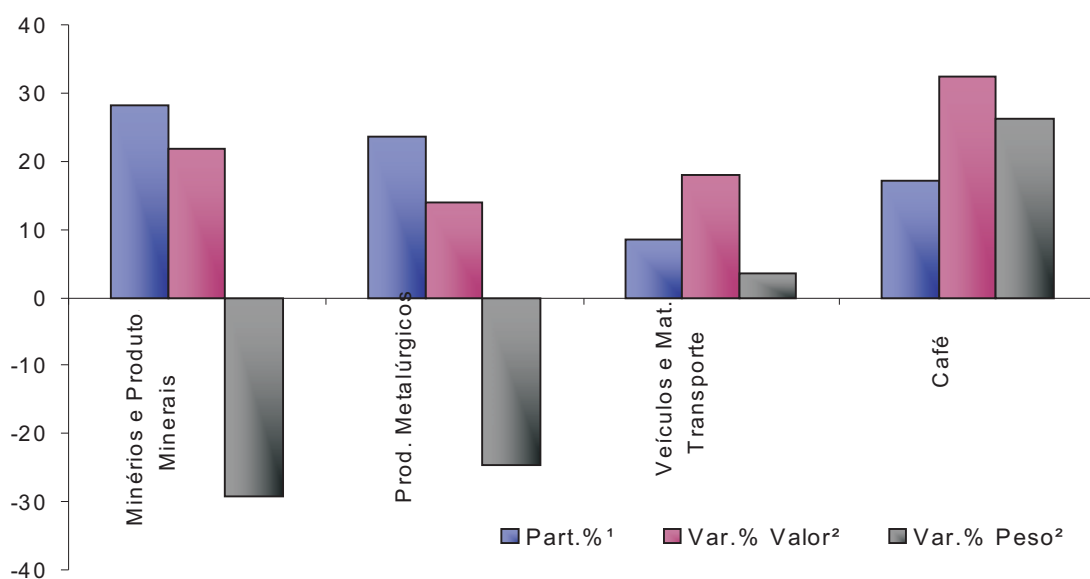
As exportações de Minas Gerais acompanharam o movimento geral observado para o caso brasileiro. No quarto trimestre de 2008, as vendas externas foram de US\$ 5.812,2 milhões, com crescimento de 17,5% em relação ao mesmo período do ano anterior. Essa

taxa de crescimento, no entanto, foi menor do que as registradas nos trimestres anteriores (41,6% no segundo e 64,4% no terceiro). Em relação ao terceiro trimestre de 2008, o valor das exportações mineiras caiu 27,2%.

De modo geral, são positivos os resultados do comportamento das exportações mineiras em 2008: o valor das vendas externas alcançou US\$ 24.444,4 milhões, um crescimento de 33,2% em comparação com o ano anterior. Essa taxa é maior do que a registrada pelas exportações brasileiras (23,2%) e, em decorrência, a participação relativa do estado nas vendas externas do país aumentou de 11,4% em 2007 para 12,3% em 2008.

Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, os segmentos que mais contribuíram para a expansão do valor das exportações de Minas Gerais no último trimestre de 2008 foram: *minérios e produtos minerais* (21,7%), *produtos metalúrgicos* (14,0%), *veículos e materiais de transporte* (17,9%) e *café* (32,3%). Esses segmentos participam com mais de 75% do valor total das vendas estaduais.

**Gráfico 4 – Participação e Crescimento das Exportações dos Principais Produtos – Minas Gerais – 4º Trimestre de 2008**



Fonte: MDIC, SECEX

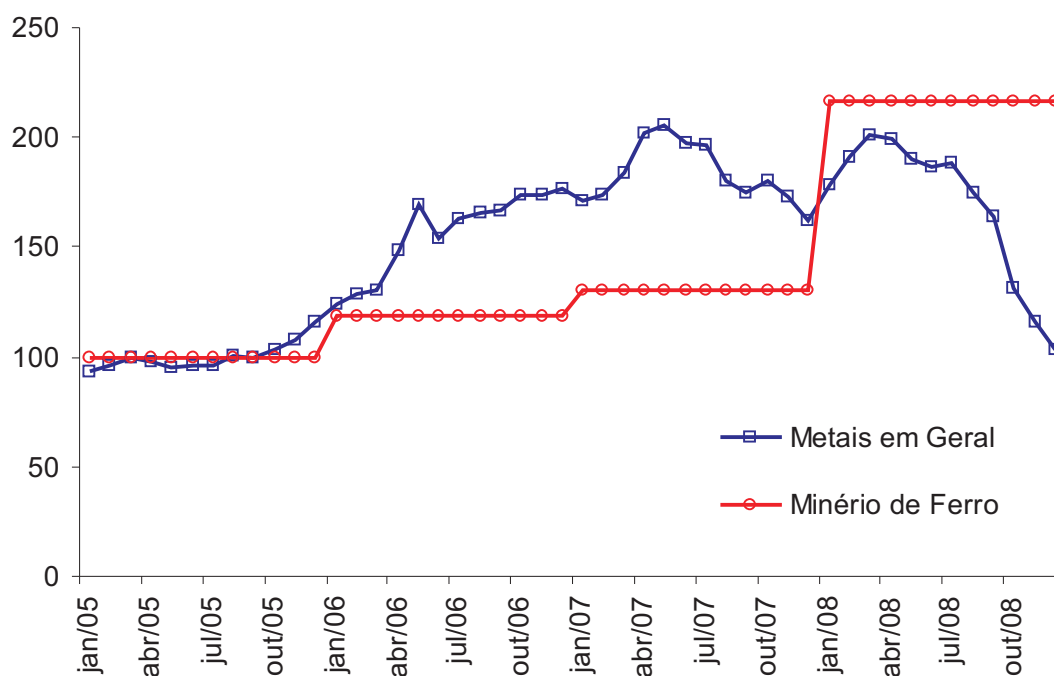
<sup>1</sup> No valor total das exportações do Estado.

<sup>2</sup> Em relação ao 4º trimestre de 2007.

Em relação ao mesmo trimestre de 2007, o crescimento de 17,5% no valor das vendas externas no quarto trimestre de 2008 está associado, sobretudo, ao comportamento dos preços internacionais favoráveis. O peso das exportações teve queda de 27,8% (30,1 milhões de toneladas contra 41,4 milhões de toneladas no quarto trimestre de 2007). Dessa forma, pode-se calcular implicitamente um aumento de 62,7% no índice de preços das exportações mineiras.

Os preços altos, no entanto, não devem se sustentar em 2009. A crise fez cair o preço das *commodities*, mas os contratos de fornecimento de minério de ferro, principal produto da pauta de exportação mineira, não foram reajustados. Com a retração econômica dos EUA e da Europa e desaceleração na China, porém, espera-se forte queda no preço do minério, o que prejudicará as exportações do estado.

**Gráfico 5 - Índices de Preços de *Commodities* – Metais e Minério de Ferro  
(2005 = 100) - 2005 à 2008**

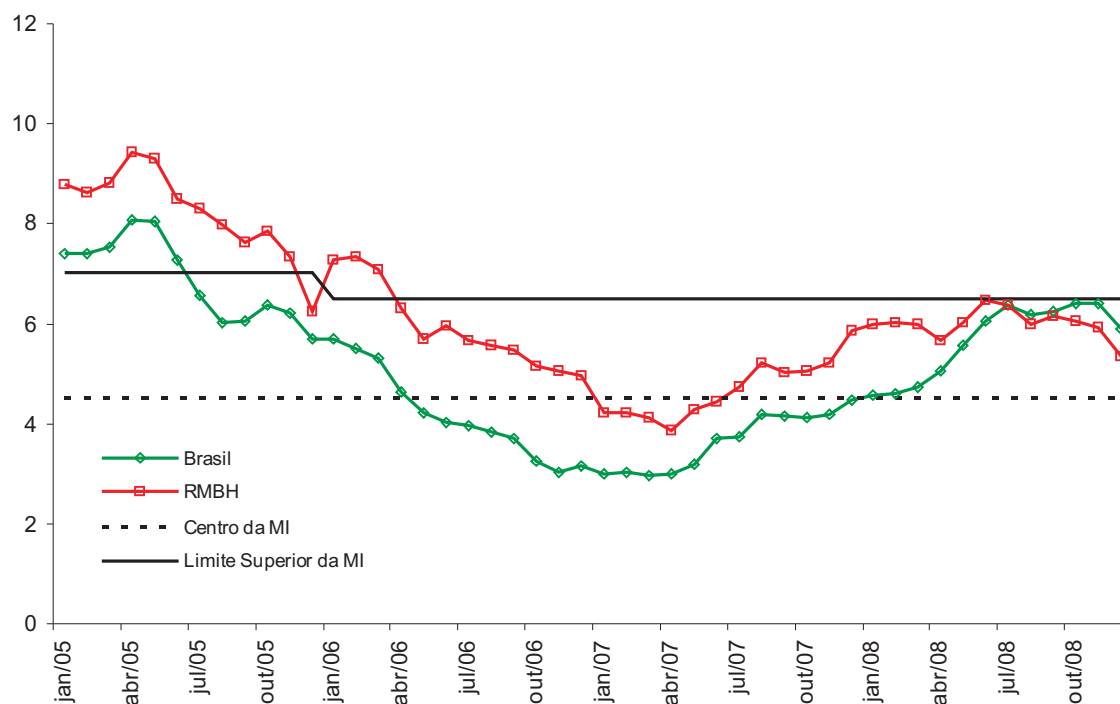


Fonte: FMI - Fundo Monetário Internacional

## INFLAÇÃO

O quarto trimestre de 2008 foi marcado por ligeira reversão da tendência de aceleração do IPCA<sup>14</sup> no Brasil, que crescia continuamente desde abril de 2007 e chegou a esbarrar no limite superior da meta de inflação no terceiro trimestre de 2008. Na RMBH, a reversão da trajetória de crescimento da inflação teve início alguns meses antes, em julho, mas a desaceleração foi maior no último trimestre. Assim, o IPCA fecha o ano com crescimento acumulado de 5,9% no país e de 5,3% na RMBH.

**Gráfico 6 - Inflação acumulada em 12 meses, em % - RMBH e Brasil – 2005 à 2008**



Fonte: IPCA, IBGE

<sup>14</sup> Índice de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA, calculado pelo IBGE. Inclui bens tipicamente consumidos por famílias com renda de 1 a 40 salários mínimos e é a baliza do Sistema de Metas de Inflação brasileiro.

Após a eclosão da crise, o mercado se mostrou incerto quanto ao impacto sobre o nível de preços. Por um lado, a forte desvalorização cambial contribuiu para a alta; por outro, o desaquecimento da economia tende a reduzir a inflação. Assim, o Banco Central foi cauteloso para decidir o rumo da política monetária: no início de setembro, a taxa básica de juros foi aumentada em 0,75p.p. e permaneceu nesse patamar até o final de janeiro. Apenas quando ficou mais claro que o efeito-renda dominaria o efeito-câmbio, como pode ser visto no gráfico acima, a taxa Selic foi cortada em 1,0 p.p.

O grupo *alimentos e bebidas* foi o maior responsável pela pressão inflacionária em 2008. Essa pressão deu-se principalmente no segundo trimestre do ano: na RMBH, os alimentos acumularam alta de 5,3% apenas nesse período. Por outro lado, nos últimos três meses do ano, a alta, de 0,8%, não foi tão intensa no grupo. Nesse trimestre, o grupo de *despesas pessoais* foi o que sofreu o maior reajuste de preços na RMBH, 2,6%, seguido de *saúde*, com 1,4%.

Outros municípios mineiros têm índices de preços calculados periodicamente. No último trimestre, o índice de preços ao consumidor aumentou 3,9% em Montes Claros<sup>15</sup>, 2,2% em Viçosa<sup>16</sup>, 1,9% em Lavras<sup>17</sup> e 0,4% em Uberlândia<sup>18</sup>.

## FINANÇAS PÚBLICAS

De 2004 a 2008, o ritmo de crescimento nominal da receita mostrou-se bem superior ao da inflação. Enquanto a inflação medida pelo INPC cresceu 21,1%, a receita orçamentária teve um incremento de 83%.

A principal fonte de Receita do Estado foi o ICMS<sup>19</sup>, que representou 56,5% do total em

<sup>15</sup> IPC/Montes Claros, calculado pelo DE - Unimontes, abrange bens consumidos por famílias que recebem de 1 a 6 salários mínimos.

<sup>16</sup> IPC/Lavras, calculado pelo DAE - UFPA, não distingue faixas de rendimento..

<sup>17</sup> IPC/Viçosa, calculado pelo DE - UFV, abrange bens consumidos por famílias na faixa de 1 a 6 salários mínimos.

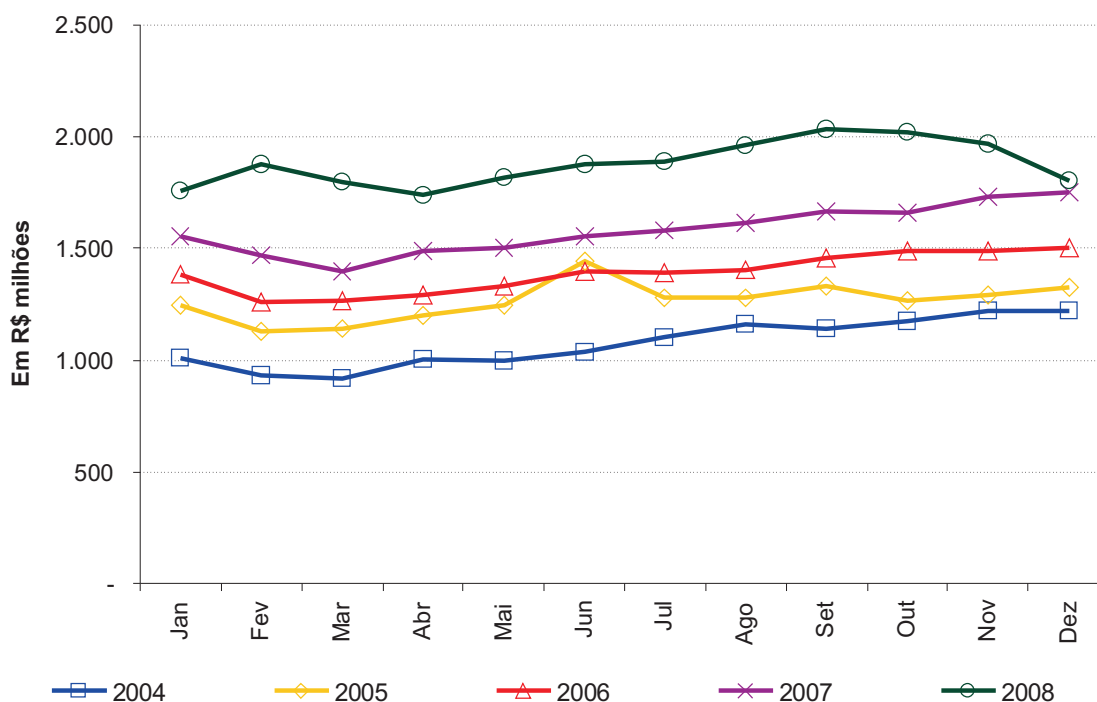
<sup>18</sup> IPC/Uberlândia, calculado pelo CEPES - UFU, abrange bens consumidos por famílias com renda de 1 a 8 salários mínimos.

<sup>19</sup> Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços.



2008. O crescimento nominal observado no período foi de 74,3% (bem superior ao INPC do período, 21,1%). Conforme pode ser observado pelo gráfico 7, o valor arrecadado de ICMS em determinado mês é quase sempre maior que o do mesmo mês do ano anterior. No entanto, após a cifra recorde de R\$ 2,02 bilhões arrecadada em setembro de 2008, destaca-se um movimento de queda. Em novembro, a redução em relação ao mês anterior foi de 2,7%; em dezembro, ela chegou a 8,3%. É importante destacar que, nos anos mostrados no gráfico, quando são comparados valores de dezembro em relação a novembro, no mínimo mantém-se o mesmo nível de arrecadação. Além disso, pelos dados em análise, sempre houve acréscimo considerável de arrecadação quando se compara dezembro de determinado ano com o mesmo mês do ano anterior, com percentuais de 8,9%, 13% e 16,5% respectivamente para 2005, 2006 e 2007. De forma pouco surpreendente, em função da crise econômica mundial, a arrecadação em dezembro de 2008 foi apenas 3,2% maior que em dezembro de 2007, expansão esta inferior à do INPC registrado no período, de 6,5%.

**Gráfico 7 – Arrecadação de ICMS, valores correntes – Minas Gerais – 2004 a 2008**



Fonte: Secretaria da Fazenda do Estado de Minas Gerais

Ao comparar o último trimestre de 2008 com o mesmo período de 2007, houve acréscimos de 15,2% na receita orçamentária e de 12,8% na arrecadação de ICMS. Quando são comparados os respectivos anos em sua totalidade, observa-se um incremento nominal de 22,2% na receita orçamentária e de 18,8% na arrecadação de ICMS. Comparando-se o último trimestre do ano passado com o mesmo período do ano anterior, o menor ritmo de crescimento deve-se ao fraco desempenho de dezembro de 2008, tanto no que se refere à receita total quanto ao ICMS.

Apesar da excelente performance da arrecadação de ICMS nos últimos anos, a desaceleração do crescimento da economia brasileira e principalmente mineira nos últimos meses vem provocando sucessivos resultados prejudiciais à arrecadação do estado. A estratégia atual do governo estadual é contingenciar os gastos no início de 2009 e implantar um limite para o custeio de todo o Executivo, estabelecido em um ponto percentual a menos do que a inflação mensal.

Em relação à despesa realizada, ao fazer a comparação de 2008 com 2007, houve um crescimento nominal de 21,1%. As despesas correntes avançaram 18,6%, de R\$ 28,3 bilhões para R\$ 33,6 bilhões. Por sua vez, as despesas de capital expandiram-se 38,4%.

Quando a comparação passa a ser entre o 4º trimestre de 2008 e o 4º trimestre de 2007, nota-se uma expansão menor da despesa total (17%), em contraste com a análise anual. O ritmo de crescimento foi menor em quase todas as principais contas, o que possivelmente refletiu a cautela do governo no que diz respeito à contenção de gastos em função da diminuição do ritmo de crescimento da receita.